

## MEMÓRIA, POESIA E PROFECIA: A IDENTIDADE SERTANEJA NUM INVERNO DE VERSOS

*Ciro Leandro Costa da Fonseca<sup>1</sup>  
Netanias Mateus de Souza Castro<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este trabalho tem o objetivo de analisar o laço identitário existente nos versos do poeta Marcos Antunes, a memória coletiva e a identidade cultural do grupo social em que está inscrito. Acorados principalmente em Paul Zumthor e na sua leitura acerca da poesia oral e da performance, buscamos compreender como a poesia tece um laço de coesão e identidade com o grupo social em que o poeta está inscrito, principalmente com relação ao inverno enquanto motivo poético que dá à voz do poeta um laço com a identidade cultural nordestina e sertaneja. Dessa forma, a leitura do pensamento de visão de Paul Zumthor nos ajudou a entender a performance como constitutiva da poesia, de uma enunciação e de uma recepção que atinge um público com seus versos e temas e tece um laço de identidade entre o poeta e sua comunidade, principalmente na temática do inverno tão significativa para a memória do povo sertanejo.

**Palavras-chaves:** Performance. Profecia. Poesia. Marcos Antunes. Paul Zumthor.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the identity presented in Marcos Antunes's poetry, the collective and cultural identity written by him in his poetry. Based mainly in Paul Zumthor's interpretation about oral poetry and performance, we are going to try to comprehend how the poetry build a link of cohesion and identity with the poet's social group, mainly about how the winter gives the poet a poetical inspiration to write about the backcountry culture. Paul Zumthor's point of view helped us to understand this performance as a constitutive poetry of an enunciation's reception that reach the public with its themes and links the poet identity with his community, mainly with his winter's themes, so important to the backcountry people memories.

**Keywords:** Performance. Prophecies. Poetry. Marcos Antunes. Paul Zumthor.

Todo verso que vem da minha lira  
Tem o cheiro das coisas do sertão.

*Marcos Antunes de Andrade*

### 1 Considerações iniciais

As culturas populares nortearam a vida simbólica dos seus agentes a partir do laço tecido entre a arte produzida e as práticas do seu cotidiano. As horas de trabalho, descanso,

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Pau dos Ferros – Rio Grande do Norte. E-mail: [ciro.leandro@hotmail.com](mailto:ciro.leandro@hotmail.com)

<sup>2</sup> Aluno do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Pau dos Ferros – Rio Grande do Norte. E-mail: [nmscastro@yahoo.com.br](mailto:nmscastro@yahoo.com.br)

oração, solidariedade ganham sentido de vida ao se revestir de uma coesão social, que enraíza os membros de um mesmo grupo social por meio da memória coletiva que é guardada, não em um sentido estático, mas transmitida de forma dinâmica. Essa transmissão memorial e identitária é função social no seio da coletividade de alguns sujeitos escolhidos para o trabalho mnemônico: contadores de histórias, poetas, benzedeiros, romanceiras, e profetas populares.

Por meio da voz-memória, proclamada pelos poetas e narradores populares, temos a oportunidade de compreender os sentidos que as práticas da cultura popular têm no cotidiano de seus agentes e do povo que tem a sua identidade cultural elaborada na memória desses guardiões, que bebem na fonte das experiências vivenciadas em comum. Na voz-memória dos artistas populares é tecida a identidade do grupo social ao qual pertence definida, segundo Michel Pollak (1992), como a representação que o sujeito constrói de si para si e para os outros e dos outros para si. Nessa perspectiva dialógica, lançaremos o nosso olhar a culturas do Alto Oeste potiguar através da voz poética do poeta cordelista Marcos Antunes de Andrade, do município de Luís Gomes, voz que traduz a sua relação com as marcas da identidade da sua comunidade, pois o poeta realiza o seu ofício em resposta ao dom divino da memória e ao reconhecimento que recebe dos membros do seu grupo. Segundo Angélica Höffler (2006):

O poeta só é reconhecido como tal se preencher ao menos dois requisitos: em primeiro lugar, mostrar-se fiel conhecedor de seu ofício, da tradição, da rima, do temas e, em segundo lugar, se for capaz de falar ao seu público, atingi-lo com seus versos, dizer-lhes algo significativo, criando e adaptando nas “brechas da memória”. (HÖFFLER, 2006, p. 32, grifo do autor)

O conhecimento da tradição poética e dos temas significativos para a memória coletiva tece um elo do poeta popular com o seu povo, pois é sua responsabilidade materializar em versos os valores, a memória de acontecimentos marcantes, as experiências da seca e do inverno, as profecias sobre essas estações que ecoam nas vozes dos profetas populares, sábios observadores da natureza, os conselhos e narrativas que mostram as ações e comportamentos de um povo. Assim, se compreende a reflexão de Zumthor (2001, p. 139) sobre a importância da poesia para um grupo: “A voz poética assume a função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver”. É nesse viés que pretendemos compreender a poesia de Marco Antunes, pois o pensamento de Zumthor atualiza a inscrição da poesia no seio do grupo, na comunidade cuja história e identidade contribuem na elaboração dos poemas e cuja obra poética reforça esse laço identitário com o grupo. Compreendendo a compreensão da poesia oral e sua função coesiva e simbólica elaborada por Zumthor, buscamos situar os versos do poeta numa intrínseca relação com a literatura oral popular e os cordéis escritos.

Assim, não se concebe poesia sem uma intrínseca relação com a memória e a tradição. Pensando na esteira deixada pelo pensamento de Paul Zumthor, a poesia assim como a religião oferece “uma explicação de mundo e de ação simbólica sobre o real” (ZUMTHOR, 1993, p. 80). Nesse sentido, as tradições, os valores e os referenciais de vida de uma comunidade se ancoram na oralidade e nesse ponto a memória tem uma função primordial. Apesar do avanço atual da escrita e da tecnologia, que a torna cada vez mais complexa, a voz oral e a escrita mais próxima desse universo que é a literatura de cordel, no caso mais específico do nosso trabalho, os versos escritos e recitados pelo poeta popular Marcos Antunes podem ser compreendidos sob o crivo de Zumthor que se atualiza quando percebemos, nas culturas populares, a poesia não como uma sobrevivência do passado no presente, mas como uma dinâmica que se move e se renova na circularidade das relações sociais de um grupo. Trazendo a contribuição do estudioso da poesia medieval para compreender a poesia em estudo:

Todo texto registrado pela escritura, como o lemos, ocupou, pelo menos, um lugar preciso no conjunto de relações móveis e numa série de produções múltiplas, no corpo de um concerto de ecos recíprocos; uma *intervocalidade*, como a “intertextualidade” da qual se fala tanto há alguns anos e que considero aqui, em seu aspecto de troca de palavras e de convivência sonora; polifonia percebida pelos destinatários de uma poesia que lhes é comunicada - quaisquer que sejam as modalidades e o estilo de performance – exclusivamente pela voz. No universo dos contatos pessoais e das sensações, essas relações intervociais têm que ver com as que, em nossa prática moderna, instauram-se (com menos calor!) entre o texto original seu comentário ou sua tradução. (ZUMTHOR, 1993, p. 144-145)

A multiplicidade de que trata o crítico medievalista se refere à natureza oral da nossa poesia popular, que, embora representada em versos escritos, concentra os traços da oralidade por se tratar de um intertexto que apresenta motivos poéticos da oralidade e cuja sonoridade da poesia ao ser recitada pelo poeta ou até mesmo lida por um receptor pode ser percebida no jogo de palavras evocativas das sensações que a voz poética pode proporcionar. Mesmo escrita, a poesia não perde o calor da oralidade, embora precise da performance oral para melhor senti-la e compreendê-la. Assim, através da voz poética presente nos versos o poeta dá acesso ao universo que integra o imaginário coletivo do seu grupo.

O poeta enquanto guardião e transmissor da memória funde em sua função social também o papel de profeta, deste que, por meio da voz, tem o poder de desvelar o passado, as tradições, os saberes ancestrais, retomando as suas origens, numa ação em que “o desvelo do poeta faz-se a revelação do profeta, unindo nesses ofícios o trabalho da palavra, a proclamação de uma voz” (HÖFFLER, 2006, p. 31). Por meio da voz, o poeta projeta o futuro, faz a sua profecia, compreende o passado, seus valores, sua bonança e fartura, trazendo esperança para

o presente e o futuro. Um dos principais motivos da poesia para o povo sertanejo, sujeito às estiagens, é o inverno. A voz poética localiza no tempo e no espaço os elementos significativos desse universo sertanejo, rememorando as grandes secas e também os grandes invernos, transportando poeticamente o sertão para um tempo mítico. Esse poder de abrir as portas a esse mundo só se torna possível através da voz do poeta que desloca seus ouvintes/leitores para outros mundos e outras realidades (HÖFFLER, 2006). Essa compreensão que temos da atuação do poeta, nos mostra a atualidade da obra de Paul Zumthor, que embora voltado à poesia medieval, traz uma importante contribuição para o estudo da poesia popular nordestina, nos proporcionando o olhar e a visão do elemento constitutivo da poesia que é a performance, sem o qual não compreenderíamos o contexto que dá sentido a produção, circulação e recepção dessa poesia.

O inverno, para os poetas populares nordestinos, como o poeta cearense Patativa do Assaré, que escreveu o poema “Festa da natureza”, é uma estação utópica devido às secas constantes que assolam a região há séculos. A sua importância para a identidade do povo do sertão que tem na literatura de cordel um elo entre as suas condições materiais de sobrevivências, e a sua significação para a memória coletiva nortearam o nosso estudo.

O poeta Marcos Antunes, contador de histórias e exímio repentista, publicou em 5 de julho de 2011 uma antologia dos poemas que escreveu em diálogo com os contextos sócio-históricos do seu povo. Nas camadas populares, um sujeito agraciado pela dádiva divina da memória, como os poetas, ou da cura como as benzedadeiras, exercem a sua função a serviço da sua comunidade. Os poetas populares são eleitos dentre a coletividade pois:

Cada sertanejo é guardião de parte dos saberes e dos segredos de um mundo que só pode ser alçado pela voz. Contudo, cabe a alguns poucos escolhidos a responsabilidade da transmissão memorial, da tradição e da criação no domínio da oralidade. Dentre os escolhidos encontram-se os poetas e os profetas. (HÖFFLER, 2009, p. 194)

Assim, pretendemos observar o laço tecido entre o poeta e a simbologia do inverno no viés coletivo e as práticas da cultura popular em interação com o cotidiano de seus agentes e comunidades. Segundo Zumthor (2001), a performance de um poeta ou narrador oral abrange todo um conjunto como mudanças no timbre da voz, olhares, sorrisos, lágrimas, postura do corpo e os gestos dos receptores, que interferem quando escutam uma narrativa ou poesia oral. Segundo o pensador medievalista, o poeta e sua obra se inscrevem na tradição, esta também

inserida numa série aberta que se estende no tempo e no espaço das diversas manifestações de um arquétipo, de um modelo, que propicia a criação da poesia, ato que ocorre em performance e se origina na enunciação e na recepção, num contexto dialógico. Este dialogismo se constrói na relação entre o poeta, sua comunidade de ouvinte e a matéria-prima de sua obra, o universo sertanejo situado entre o tempo cíclico das secas e invernos, da fé, da esperança, dos sofrimentos e da fartura. Portanto, para que se realize a performance, a poesia precisa carregar a unidade entre poeta e o seu público, seja de ouvintes ou de leitores, numa relação de cumplicidade que se expressa pelo poder da voz.

O poeta é escolhido no seio do grupo para a responsabilidade da transmissão memorial, esta que se dá em performance, conhecendo o seu papel social, a tradição em que se inscrevem os temas caros a memória coletiva do seu grupo. Numa rede tecida entre os fios da memória, que se interligam a muitas mãos, a memória do poeta se amarra a memória do grupo, e esta se inscreve numa teia maior que é a tradição. Nessa relação, há um mutirão de imagens construídas que o veio poético do popular Seu Marcos profere através da voz e do verso e dentre as imagens escolhidas está o inverno no sertão nordestino.

## 2 Memória e identidade num inverno de versos

O poema “O inverno no sertão” apresenta espaço utópico proporcionado pela chegada das chuvas na região. A partir dos sinais percebidos pelo sertanejo, da formação de uma barra na nascente, do barulho dos trovões, dos ninhos do pássaro João de Barro com a frente virada para o poente, um tempo de fartura tão esperado se aproxima e se inicia. A festa da natureza proporcionada pelo inverno e a bonança estão presentes na primeira e segunda estrofe do poema:

Logo que chegou o inverno  
Com o ronco do trovão  
O povo todo se anima  
É uma satisfação  
Deus anuncia a bonança  
E haja chuva no chão.

Uma chuva grossa  
Forma no nascente  
O povo contente  
Querendo ir pra roça  
Quando a chuva engrossa  
Um sapo diz oi,  
Berra o sapo boi  
Nas águas descendo

Os outros dizendo  
Foi ou não foi?  
(ANDRADE, 2011, p. 92)

Na voz poética a imagem de um sertão anteriormente castigado é passada a limpo e os seus leitores têm acesso às mudanças trazidas pelas chuvas. A natureza se manifesta, os animais modificam o som que lançam aos ouvidos do poeta e traduzem a satisfação de um povo marcado pelas dificuldades da seca: fome, fuga para outras regiões em busca de melhores condições de trabalho e sobrevivência. O som do sapo trazido pelo poeta Marcos faz intertextualidade com o poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira que em sua vertente modernista bebeu na fonte da cultura e da memória popular: - “Não foi!”- “Foi!”- “Não foi!”-, o que nos mostra que ambos trazem em sua poesia esse rico corredor de vozes. O poeta faz ecoar em sua voz anúncio do inverno comum nas vozes dos profetas populares, homens que aprenderam com as experiências de trabalho e convivência com a natureza, com os ensinamentos dos mais velhos do grupo, a reconhecer na natureza a sua própria capacidade de resistência. Ao rememorar o inverno, as experiências coletivas a voz poética “penetra no mais fundo da lembrança e aí fermenta, confirma ou revolve os sentimentos vividos, alarga misteriosamente a experiência que eu, ouvinte, creio ter de mim mesmo, de ti e desta vida” (ZUMTHOR, 2001, p. 150).

Esses sentimentos revolvidos da lembrança são intrínsecos as experiências vividas coletivamente, retomados na memória do poeta no momento de sua produção, fermentando a representação imagética do sertão para a sua comunidade, os conselhos dos ancestrais sobre os cuidados com a natureza e a luta pela sobrevivência em meio às secas. Assim, o poeta Marcos Antunes, como os profetas do inverno, elabora a imagem do inverno. Conforme Höffler “Partindo da observação de seu próprio ambiente, capaz de se modificar com as primeiras gotas de chuva, o sertanejo reconhece na natureza ‘encanta’ a possibilidade de vencer a morte” (HÖFFLER, 2009, p. 196). As profecias se revestem de poesia, de uma poética sertaneja capaz de tecer a imagem do sertão unindo o eco de muitas outras vozes localizadas dos tempos ancestrais pelo poeta. Esse reconhecimento por parte dos membros da comunidade dessa memória coletiva presente e reelaborada na voz poética é que confere ao poeta o reconhecimento social no seio do grupo e que reveste a sua poesia de um caráter profético capaz de renovar a esperança, o que confirma o pensamento de Zumthor ao afirmar que a voz poética é simultaneamente profecia e memória.

Com o início das atividades de trabalho assim que ocorrem as primeiras chuvas, o sertanejo luta para transformar a paisagem numa lavoura marcada pela bonança. O trabalho no

roçado, o plantio de milho e feijão, alimentos mais representativos do inverno, são marcadas das relações entre memória e as práticas cotidianas. Assim, segundo Ecléa Bosi (2007, p. 481) “A memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia”. Nos anos de inverno, os sertanejos obedecem a um ritual de trabalho transmitido por seus antepassados, as experiências de inverno, as previsões determinam como será o ano com relação ao inverno. Os meses de trabalho e folguedo são marcados de acordo com as profecias de inverno, como o Dia de Santa Luzia, treze de dezembro que, segundo Barros (2008), representa o mês de janeiro do ano vindouro e os dias catorze e quinze os meses de fevereiro e março, respectivamente. O dia de São José também é crucial nessa simbologia, última esperança quando as previsões anteriores não são de chuva. Quando o ano é de seca, acontece a quebra do trabalho tradicional, como exemplifica a autora ao relatar a seca de 1877 no Ceará:

Estava totalmente desfeito o equilíbrio do pequeno agricultor, que, pela força da tradição, assim organizava a vida produtiva: outubro – broca dos roçados (quase sempre em mutirão); fins de dezembro – queima; princípio de janeiro – o roçado está cercado e pronto para o plantio; início do inverno – plantio das sementes (tarefa executada por toda a família, incluindo mulher e filhos). Esse plantio era feito em duas etapas; na primeira se plantava o feijão ligeiro, melancia, milho de sete semanas e jerimum. Só depois de garantida a comida para o mês seguinte vinha o plantio de mandioca, milho, feijão e algodão. Aguardando o produto ligeiro ser colhido, procedese à limpa da roça, enquanto o chefe da família trabalhava no alugado aos proprietários abastados. A alimentação se constituía da caça e da farinha e rapadura compradas com o mísero salário de vinténs e patacas diários. Na safra vendem algodão para a compra de roupas e demais necessidades, e comem até agosto feijão, melancia, jerimum e milho, guardando apenas o que plantar no ano seguinte. Setembro é o mês das farinhadas, das festas, dos namoros e dos improvisos poéticos. Parentes e amigos se reúnem nas desmanchas da mandioca, fazendo beijus, nos serenos das danças e dos desafios de viola. É vara anunciam comida até abril do ano seguinte, quando será substituída pelos legumes ligeiros. (BARROS, 2008, p. 146-147)

As profecias populares do inverno e as experiências relacionadas aos dias dos santos de devoção do sertanejo estão presentes nas camadas da religiosidade sobrepostos as camadas da memória. São experiências herdadas por meio da transmissão memorial das antigas gerações. São herdeiros dessa tradição os narradores, poetas e profetas. A voz poética traz de forma subjacente diversos textos da tradição e na relação da palavra como público, por meio da cumplicidade existente entre poeta e ouvintes/leitores, os fragmentos da memória coletiva são reconhecidos e devolvidos a matriz por elaborarem uma resposta a sua contribuição. Dessa maneira, “a presença de diversos textos nessa voz envolve toda a comunidade e estabelece, entre o poeta e seu público, a cumplicidade na palavra que desse modo se expressa” (HÖFFLER, 2006, p. 34). Essa presença pode ser percebida no poema “O inverno no sertão” numa produção posterior aos poemas de Patativa “A Triste Partida” e “Festa da Natureza”. Esse envolvimento se apresenta na literatura de cordel de grande parte dos poetas populares

nordestinos, como podemos ver a seguir no texto do poeta cearense Patativa do Assaré, em seu poema “A triste partida”, nas primeiras estrofes do poema em que o sertanejo realiza as experiências de inverno antes de decidir migrar para outras terras:

Setembro passou, com outubro e novembro,  
Já tamo em dezembro.  
Meu Deus, que é de nós?  
Assim fala o pobre do seco Nordeste,  
Com medo da peste,  
Da fome feroz

A treze do mês ele fez experiência,  
Perdeu sua crença  
Nas pedras de sá.  
Mas nota experiência com gosto se agarra,  
Pensando na barra  
Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,  
O só, bem vermêio,  
Nasceu mundo além.  
Na copa da mata, buzina a cigarra,  
Ninguém vê a barra,  
Pois barra não tem.

Sem chuva na terra descamba janêro,  
Despois feverêro  
E o mêmro verão.  
Entonce o rocêro, pensando consigo,  
Diz: isso é castigo!  
Não chove mais não!

Apela p’ra maço, que é o mês preferido  
Do santo querido,  
Senhô São José.  
Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,  
Lhe fuge do peito  
O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,  
Chamando a famia  
Começa a dizê:  
Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,  
Nós vamo a Sã Palo  
Vivê ou morrê. (PATATIVA DO ASSARÉ, 2007, p. 50-51)

Entende-se que, no momento da sua produção poética, o poeta recorre à memória de outros poemas que dialogam com a sua palavra. Há uma matriz da memória da qual ele recolhe fragmentos de diversos poemas, textos, narrativas religiosas populares conhecidas como narrativas pias ou histórias de santos, profecias. Tantos os poemas e histórias matrizes, como as respostas produzidas, surgem a partir de outros fazem da palavra poética uma explicação simbólica do real, conforme Zumthor, de compreensão da vida cotidiana por meio da poesia e

de compensação simbólica pela carência material, dos sofrimentos causados pela seca. A religiosidade popular, outra maneira simbólica de explicação e compensação da realidade cotidiana, é intrínseca as condições materiais da população. A fé e a vida simbólica aparecem como solução quando esta não se dá por meio de medidas governamentais. Por isso, os dias de experiências estão marcados de esperança de uma vida melhor para que não necessite deixar a sua terra em busca de sobrevivência, esta que se dá através do trabalho e da resistência cantada pelo poeta para enaltecer e exaltar, pois segundo Zumthor (2001), o poeta é portador de uma voz que exalta a comunidade e sua resistência.

Nas culturas populares o trabalho se funde com a memória e a construção identitária, os sertanejos se reconhecem como um povo forte e trabalhador. É essa a fisionomia que, para o poeta Marcos Antunes, marca a memória coletiva e é escolhida para representar a identidade da sua comunidade. Podemos perceber essa construção nos versos da terceira estrofe:

Logo depois de dois dias  
Verse babugem nascendo  
O povo indo pra roça  
Uns subindo outros descendo  
Plantando milho e feijão  
Haja lavoura crescendo. (ANDRADE, 2011, p. 92)

“O povo indo pra roça” define o desejo de, por meio do trabalho, erradicar a fome tão retratada na literatura de folhetos nordestina. O homem e a natureza se reconciliam e dela podem tirar a sua sobrevivência. Na relação entre a memória e o tempo, para o poeta, uma nova época se inicia com o inverno em que “Deus anuncia a bonança”, como vemos nesse verso da primeira estrofe. O calendário das camadas populares se baseia nos dias de trabalho e de folguedos, de festas religiosas e profanas. Halbwachs (2006, p. 131) afirma que “As divisões do ano camponês se baseiam no ritmo dos trabalhos agrícolas, que por sua vez é determinado pela alternância das estações”. Essa alternância dá origem ao tempo comunitário (AYALA, 1997) em que as práticas da cultura popular têm possibilidade de existir. Nas horas de trabalho ou de folga, experiências são trocadas, narradores e poetas transformam a vivência coletiva em lições de vida, conselhos, dando vida ao desejo de uma realidade melhor. São portadores de uma “Voz que garante a coesão de um grupo e sua identidade” (HÖFFLER, 2006, p. 31). Por meio dessa voz, as experiências do passado, reavivadas no convívio, influenciam as ações do presente e aconselham sobre o futuro.

Nas divisões do tempo, a identidade dá sentido ao plantio, a colheita, as atividades realizadas em mutirão como a debulha de feijão que propiciam a contação de histórias, a recitação de versos sobre personagens como João Grilo e Pedro Malasartes, as histórias de santos e as profecias sobre a seca e o inverno, a comemoração da colheita nas noites de São João e São Pedro, são momentos que contextualizam a identidade dos sujeitos-agentes da cultura popular e dão condições materiais para o existir de suas produções. Na memória do poeta popular são transmitidas as situações em que a sua cultura faz sentido.

Uma face importante da identidade do seu grupo que o poeta elege para tecer a sua representação é a fé, epicentro da esperança de uma realidade de bonança e fartura. Muitos rituais, como os de penitência e autoflagelação dos penitentes do sertão nordestino, que pediam a Deus a chegada do inverno, realizando as suas práticas principalmente nos períodos de seca, são significativos para a identidade cultural da região. Os conselhos do Padre Cícero Romão Batista para combater a seca também são um exemplo da relação entre a fé e as práticas cotidianas. Nos versos do poeta Marcos Antunes, a religiosidade popular está subjacente nas seguintes estrofes:

Com chuva pesada  
Batendo na terra  
O trovão faz guerra  
Na velha chapada  
Pela madrugada  
Se ouve falar  
Nós vamos rezar  
No santo evangelho  
Que o açude velho  
Comece a sangrar.

Quando chove no sertão  
Ninguém fica indeciso  
O sertão fica bonito  
O povo brota um sorriso  
Aí o Sertão se torna  
Para nós um paraíso.

O trovão bradando  
Canta o azulão  
Aqui no Sertão  
Inverno sobrando  
O gado engordando  
Vacas dando cria  
Na Ave Maria  
Uma oração  
Aqui no Sertão  
Só tem alegria. (ANDRADE, 2011, p. 92-93)

Nos versos “Nós vamos rezar/No santo evangelho/Que o açude velho/Começa a sangrar”, da quarta estrofe do poema, está marcada a relação entre a literatura popular e os contextos sócio-históricos que situam. A sangria dos açudes para as comunidades populares é sinal de que o inverno foi promissor e é um fato acompanhado de festas e de orações em agradecimentos. No município de Luís Gomes há dois açudes, popularmente conhecidos como o açude velho, menor, e o açude novo, com maior capacidade para reservar água. Rezar para garantir a sangria do açude velho é garantir o mínimo de condições de sobrevivência. A religiosidade popular como marca da identidade do nordestino faz com que o poeta acompanhe os membros do seu grupo na busca simbólica do paraíso perdido. Assim, a identidade está enraizada e o sertanejo, mesmo quando busca sobrevivência em outros espaços:

Por onde quer que vá, carrega consigo, em sua memória, a tradição oral, os romances, as promessas de reinos encantados, as profecias e os ensinamentos religiosos que lhes foram transmitidos. Está sempre em busca: de sobrevivência, de enriquecimento, de cura para seus males, de felicidade, enfim, de remissão. (HÖFFLER, 2006, p. 170)

Em busca de sobrevivência, de retomada do paraíso perdido por meio da “cura” dos males da seca está na memória coletiva e constitui a vida desejada pelo sertanejo. Essa realidade é proporcionada pelo inverno, transformando a paisagem seca e sofrida característica do sertão como podemos perceber nos versos “O sertão fica bonito/O povo brota um sorriso/Aí o sertão se torna/Para nós um paraíso”. Nessa relação com a religiosidade, a literatura popular está repleta de manifestações em que a fé busca a solução que os governos não trazem à população: as atividades das benzedadeiras que buscam a cura e a medicina popular em contextos em que não há assistência à saúde, os penitentes que na falta de açudes e soluções para a falta de água realizam seus rituais na esperança de solucionar o problema. Num contexto de histórico de desamparo por parte dos poderes públicos:

O sertanejo por sua vez, sem poder esperar por soluções vindas de instâncias governamentais, sente o tempo da vida tão efêmero quando o inverno. Assim como a chuva do inverno transforma o sertão em mata verde e deixa o solo fértil, o verão, tantas vezes longo demais, seca a terra, mata a criação traz doenças, dor e morte. (HÖFFLER, 2006, p. 63)

Nessa situação, a história como resposta a uma situação real, a literatura popular realiza no plano simbólico a mudança desejada no plano real, e que é matéria-prima do trabalho mnemônico do poeta por ser uma realidade desejada pelos membros de um grupo marcado pelo fenômeno das secas. O gado gordo lembrado pelo poeta como símbolo da fartura é uma imagem mítica desde a narrativa bíblica, quando José do Egito sonhou com sete vacas magras,

anos de seca, e sete vacas gordas, anos de fartura. Essa imagem aparece reforçada nos versos “Aqui no Sertão/Só tem alegria”. E a oração de Ave Maria expressa o sentido de agradecimento. Esse viés confirma a reflexão de Ayala (2002) quando define que a lógica da necessidade rege as manifestações da cultura popular. Essa necessidade está presente nos poemas e narrativas. Lúcio (2005, p. 40) afirma que “Nos contos populares a abundância de comida compensa o mundo real de carências”. O poeta busca suprir as carências materiais marcantes em seu grupo social.

Nas estrofes finais do poema a voz poética, reforça a religiosidade e a imagem da natureza transmitida pelo inverno:

A passarada se anima  
Cantando diariamente  
Os reservatórios cheios  
O povo fica contente  
Depois reza agradecendo  
A Deus pai onipotente.

Todo nordestino  
A Deus agradece  
Rezando uma prece  
Ao Deus divino  
Como peregrino  
Reza uma oração  
Diz pra seu irmão  
Depois de rezar  
Não há um lugar  
Melhor que o sertão. (ANDRADE, 2011, p. 93)

A abundância de água é, para a memória do poeta, a retomada do paraíso e a festa proporcionada pelo inverno se transforma em expressão de agradecimento e fé. Na última estrofe o poeta reafirma a sua identidade construída tendo como base as experiências vividas em comum e quando escreve “Todo nordestino/A Deus agradece”. Sua voz poética se coloca como representante das muitas vozes do povo nordestino, peregrinos que fazem de sua fé a esperança de transformação do sertão. A literatura popular se constrói numa relação dialógica representada na poesia de Marcos Antunes e sintetizada nos versos conclusivos do poema “Diz pra seu irmão/Depois de rezar/Não há um lugar/Melhor que o sertão”. É essa troca de experiências que é matéria para a criação do poeta baseada nessa concordância, num mesmo ponto de vista coletivo. A imagem do sertão rico, farto de água e alimentos reaviva o sentimento de unidade do grupo. “E através dessa voz presente nas bocas dos poetas, na paisagem, nos versos dos folhetos, tem-se acesso às imagens que povoam o sertão nordestino” (HÖFFLER,

2006, p. 34). Dentre essas imagens significativas para a memória sertaneja, a de um inverno próspero é a mais agregadora de sua identidade elaborada na resistência e na esperança.

### **Considerações finais**

Na poesia do cordelista Marcos Antunes, “A natureza, transmutada em paisagem pela memória e pela voz, permite sonhar e faz da vida uma esperança” (HÖFFLER, 2006, p. 170). Assim, podemos compreender que a literatura popular se inscreve na relação entre a voz do poeta e a memória coletiva que agrega o sentido de pertencimento a um grupo e a identidade cultural de sua gente. A tradição transmitida e rememorada pelo poeta, numa reelaboração de outras vozes, de uma poética ancestral, se relaciona com a religiosidade e o sagrado que são responsáveis pela recuperação no momento da produção poética, pois “sua recuperação pelo pensamento do poeta, não sem a ajuda do sagrado, surgem como elementos indispensáveis na relação existente entre tradição, performance e encantamento” (HÖFFLER, 2006, p. 33).

Seus versos nos permitem perceber que a literatura popular encontra um sentido de existência na vida do grupo a partir da imagem que constrói baseada no imaginário popular. Imagens essas que retomam um sertão utópico onde é possível ter esperança e sentir-se pertencente a um grupo que encontra na voz poética sua unidade. Na proclamação da palavra pelo poeta, seja no universo da oralidade ou da escrita representativa desse universo, sua performance reúne em torno de si uma identidade entre poeta e ouvintes/leitores que rememora os sentimentos e os valores comuns. Voz e escritura se unem na proclamação de uma unidade presente no conjunto das relações sociais entre os membros do grupo em que se inscreve o poeta e que encontra na poesia a exaltação da sua resistência e da sua identidade.

### **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Marcos Antunes de. **Minhas poesias**: cânticos da alma. Luís Gomes: [s. n.], 2011.

AYALA, Maria Ignez Novaes. Riqueza de pobre. In: **Literatura e sociedade** - Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, São Paulo, n. 02, p. 160-169, 1997.

BANDEIRA, Manuel. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: J. Olympo, 1976.

BARROS, Luitgarde Oliveira. Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero: A Terra da Mãe de Deus**. 2. ed. Fortaleza: Editora IMERPH, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro 2006.

HÖFFLER, Angelica. **A floresta no cordel**. Fortaleza: Secult, 2006.

\_\_\_\_\_. Vozes e imagens da terra da mãe de Deus. In: GURGEL, Deífilo; D. MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosado; LIMA, Ana Neuma Teixeira de (Orgs.). **Bom dia Literatura oral**. Natal (RN): RN Econômico, 2009 (coleção Patrimônio Potiguar, 5).

LÚCIO, Ana Cristina Marinho. Teatro infantil na sala de aula: diálogos com a cultura popular. \_\_\_\_\_. (Org.). **Teatro infantil e cultura popular**. Campina Grande; Bagagem, 2005.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos. Rio de Janeiro**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. Tradução de Amalio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

[Recebido: 20 abr. 15 – Aceito: 27 jul. 15]